



As luzes de néon da Rua Kaito sangravam sobre o asfalto molhado, transformando poças em espelhos distorcidos de um céu que não era visível. O cheiro de ozônio e café amargo pairava no ar úmido.

Dentro da Cafeteria "Éter", o vapor subia em espirais preguiçosas das xícaras de cerâmica, enquanto o murmúrio de conversas abafadas era a única melodia que quebrava o silêncio denso.

Ela estava sentada perto da janela, os dedos traçando padrões invisíveis no vidro embaçado, a silhueta emoldurada pelas cores frias lá fora.

Um casaco cinza escuro, um livro de capa puída sobre a mesa. A cidade, lá fora, era um organismo vivo, e ela parecia ser o único ponto de quietude em meio à sua respiração incessante.